

AUTOR: LEANDRO G<sup>o</sup> DE BARROS

274  
O LEÃO



NA JAULA

Antonio Silvino capturado pelo valente  
oficial da policia pernambucana  
tenente Theophanes

A' venda na casa do Auctor e na Agencia Geral no Estado do Pará

Typographia GUAJARINA de F. Lopes

Manoel Barata. 64 — Telephone, 1241

*A Editora — Recife*

# O Leão na jaula

ANTONIO SILVINO

Capturado pelo valente official  
da policia pernambucana  
tenente Theophanes

Quem era eu outro dia  
Em que hoje estou tornado,  
Dentro de tão pouco tempo  
Como tudo foi mudado,  
Bem dizem que as pedras correm  
Atraz do apedrejado.

Muita gente vem de longe  
Me visitar na prisão,  
Chegam e perguntam aos guardas,  
Com grande admiração :  
— E' este Antonio Silvino ?  
Quem prendeu este leão ?!

Não era este o terror  
De quatro Estados do Norte ?  
Que tinha a vida nas mãos  
E desafiava a morte ?  
Que os inimigos d'elle  
Não confiavam na sorte ?

Soltam grandes gargalhadas  
Pela minha desventura,  
Perguntam se ainda tenho  
Esperança de soltura,  
E sahem repugnados  
De minha horrenda figura.

Eu pergunto a qualquer um  
Dos que estão admirados :  
— Por exemplo, serei eu  
O horror dos desgraçados ?  
Quem me fez tão infeliz  
Fez tambem os felizardos !

O feliz zombar do triste  
E' falta de caridade,  
Quem sorri d'outro que chora  
Chorará tambem mais tarde,  
A desgraça e a fortuna  
São bens da humanidade.

Os antigos tinham um dito,  
Esse dito eu adoptei  
Que pessoa alguma diga :  
Desse pão não comerei  
Dessa fazenda não visto  
Desta agua não beberei.

Porque a sorte do homem  
E' um vento que perpassa,  
Quer seja numa floresta

Ou na mais garbosa praça,  
Ella voa em qualquer um,  
Na fortuna ou na desgraça.

Antes de eu cahir aqui  
Diversas vezes dizia  
Que jurava adiantado  
Que homem algum me prendia,  
Não me lembrava que a sorte  
Tinha de marcar meu dia.

No dia que me entreguei  
Estava bem prevenido,  
Tinha novecentas balas  
Um rifle bem escolhido,  
Tinha um frasco com veneno  
Não podia ter morrido ?

Porém mesmo minha sina  
Fez com que eu me esquecesse,  
E do veneno que tinha  
Uma gotta não bebesse,  
Porque tinha destinado  
Que daquella eu não morresse.

Resisti mais de tres horas  
E sem tenção de afrouxar  
Depois que a bala cravou-me  
Conheci não escapar,  
Porém não tive a idéa  
Para me suicidar.

Porque o homem não sabe  
O dia que ha de morrer,  
Como tambem ignora  
Até quando ha de viver,  
Só conhece esse segredo  
O mesmo que o fez nacer.

Todo homem é dominado  
Por força desconhecida  
Tanto que elle querendo  
Um dia pôr termo a vida  
Se esta força disser «não!»  
Elle não se suicida.

Porque só morre no dia  
Que já estiver destinado,  
Por exemplo: chegue a um peixe  
Aquelle dia marcado  
O peixe tem que morrer  
Inda que seja afogado.

Eu havia de passar  
Por todo esse soffrimento,  
Estava escripta minha sina  
Desde o meu nascimento,  
O secretario da vida  
Tinha feito o lançamento.

Então pude conhecer  
Ser capricho do destino.  
Ouvi uma voz secreta

Dizer-me : Antonio Silvino,  
Tu hoje tens que pagar  
O que fizeste em menino.

Como depois de menino  
O que tu tens cometido  
Até o dia de hoje  
Tudo será concluído,  
Deus já tirou tua conta  
Serás agora vencido.

Eu obedeci a voz  
Sem saber quem me falava  
Conheci ser um mysterio  
Que commigo se passava,  
A voz de novo me intimou  
Fazer o que ella mandava.

Era uma voz arrogante,  
Tinha grande auctoridade,  
Falava dentro de mim  
Com muita severidade,  
Dizendo : «entrega-te ao monstro !»  
Impondo em minha vontade.

Então vi logo que aquillo  
Não seria uma illusão,  
Conheci ser o remorso,  
De accordo com a razão  
Que queriam me obrigar  
A entregar-me a prisão.

A medida dos meus crimes  
Por certo já estava cheia,  
A consciencia queria  
Que eu poupasse a vida alheia;  
A justiça do Eterno  
Levou-me para a cadeia.

Nasci numa má estrella,  
Minha sorte foi mesquinhá,  
A vida de uma serpente  
E' superior a minha,  
A vingança de meus crimes  
Na minha sorte já tinha.

O homem nasce e se cria  
Sem saber quem é seu pae,  
Ignora de onde vem  
Não sabe aonde é que vaç,  
Entra nas luctas do mundo  
Não vê por onde é que sae.

A's vezes elle se esmera  
Para se contrafazer,  
Mas si o destino não quer  
Elle tem que obedecer,  
Espera que elle lhe ordene  
Gosar a vida ou soffrer.

O remorso hoje é um ferro  
Que traz-me a alma algemada,  
O tempo é a testemunha

Da scena que foi passada,  
Meus crimes formam o juiz  
Por quem a sentença é dada.

Em uma noite sonhei  
Que um «lord» dava-me um predio  
Uma casa muito grande,  
Mas eu votava-lhe tédio,  
A casa é esta cadeia  
Onde não terei remedio.

Eis ahí o sonho certo  
De uma vida depravada,  
Agora que me recordeo  
Quando não faço mais nada  
Porque não ha mais remedio  
Depois da sentença dada.

Eu fui um barco perdido  
Nas ondas do alto mar,  
Não tive busola nem leme  
Que me pudesse guiar,  
Afundei longe de terra  
E não pude me salvar.

Criei-me como um selvagem  
Entregue a perversidade,  
Minha escola foi o crime  
Até á actualidade,  
Minha infame ignorancia  
Me deu a rigoridade.



Minha conducta foi pessima  
A vida é tão espinhosa !  
Meu futuro é côr das trévas  
Em noite bem tenebrosa,  
O nascimento foi triste  
Terei a morte horrorosa.

Quando eu penso em minha vida  
E ser um ente infeliz  
Ter um nome tão tímido  
Que todo mundo mal diz,  
Tenho uma inveja profunda  
Daquelle que a sorte o quiz.

Eu só vim a este mundo  
Alimentar o tormento,  
Vim dar mais força a miseria  
Premiar o soffrimento  
E renegar de continuo  
O meu triste nascimento,

O escuro deste carcere  
E' testemunha occular,  
Se existisse um curioso  
Que fosse o interrogar  
Elle havia de dizer  
Eu vi Silvino chorar.

Ouvi o seu pranto triste  
Sêus suspiros tão saudosos,  
Fazendo queixas ao carcere

Daquelles dias amargosos  
Onde elle estava passando  
Momentos angustiosos.

Elle falava a cadeia  
Fazia uma exclamação  
Dizendo: não vez em ti  
Um poderoso leão?  
Nos ferros do captiveiro  
Perdeu de tudo a acção.

Quem afrontava a policia  
Zombava de um delegado  
E passava telegramma  
Ao governador do Estado,  
Quem derrubava cadeia  
Soltava sentenciado.

Eu nunca julguei no mundo  
De ver-me prisioneiro  
Meu nome é conhecido  
Do Norte ao Rio de Janeiro  
Hontem fui como um leão  
Hoje estou feito um cordeiro.

Porem são coisas da vida,  
O mundo permite assim;  
As vezes um vem nascendo  
Já acha outro no fim,  
Mas vá como o tempo quer  
Tudo hoje assenta em mim.

O vento me vota tédio  
A lua não quer me ver  
A chuva diz : passa ao largo  
E eu não tenho o que fazer.  
Até o tecto do carcere  
Se alegra com o meu soffrer.

Tudo que fita meu rosto  
Me fita repugnado  
Os sapos correm dizendo :  
Que typo mal encarado !  
Tem o corpo de uma féra  
Os olhos de um cão damnado!

Quem viveu como eu vivi  
No goso da liberdade,  
Como a rola no espaço  
Correndo a immensidade,  
Vê-se hoje neste carcere  
Onde a propria vida arde;

Onde os olhos não tem luz  
Nem a musa inspiração,  
Onde um raio de esperança  
Não tóca o seu coração,  
Deve ter muita tristeza,  
Desgostoso e grande afflicção.

Sou triste como a criança  
Orphã sem mãe e sem pae,  
Nas portas pedindo pão

As vezes uma desta vae  
E encontra protecção  
Numa calçada onde cae.

Mas eu nada disso tenho,  
Ninguem quer me olhar,  
Todos maldizem o meu nome  
Desejam ver me acabar,  
Porque a minha existencia  
Faz quasi tudo chorar.

Eu sou igualmente á cobra,  
Que de tudo é intrigada,  
Quem a vê palpita logo  
Dar-lhe uma grande pancada,  
Porem assim mesmo a cobra  
E' menos repugnada.

O tigre vive nas serras  
A todo perigo exposto,  
Quando não quer passeiar  
Deita-se na furna a gosto,  
Não tem quem venha lançar-lhe  
Tudo que elle fez em rosto.

Vive tambem escondido  
Onde não veja ninguem,  
Porem com todo temor  
Que a féra no bosque tem,  
Passa melhor do que eu  
Onde quizer vai e vem.

Dispõe do bosque onde mora  
Não terá tanta aflicção,  
Não vê aquelle que odeia  
Avivando-lhe a paixão,  
Não é como um pobre preso  
Nesta horrenda escuridão;

Onde a luz do sol não vê-se  
Nem astro do firmamento  
A brisa aqui não bafeja  
Nem por perto passa o vento,  
Aonde a negra tristeza  
Assalta a todo momento.

Onde o miseravel preso  
Pergunta a si : quem eu sou ?  
O remorso alli lhe diz  
Tudo quanto se passou,  
Grita a voz da consciencia  
Assassino, olha onde eu estou.

Grita-lhe a voz da justiça :  
Eu vi quando tu matastes.  
O sangue de teu irmão  
Eu vi quando derramastes.  
Sou testemunha occular  
Dos crimes que praticastes.

Eu vi as chammas enormes  
Das casas incendiando,  
As viúvas soluçarem,

A orphandade chorando,  
Os gritos dos innocentes  
Hoje aqui estão te accusando.

Se a onça mata outro bicho  
E' para remir a fome  
Diz o remorso: mas tu  
Mataste para criar nome,  
E's como a cobra que morde  
Para matar, mas nem come.

Nesta maldita masmorra  
Onde a existencia arde,  
Aonde nem por accaso  
Passa a viração da tarde,  
Onde a desgraça me prohibe  
Sonhar com a liberdade.

Meu nome até outro dia  
Percorria o mundo inteiro  
Fui hontem um tigre real  
Sou hoje um manso cordeiro,  
Na Detenção do Recife  
Tem o leão brasileiro.

Daqni a duzentos annos  
Meu nome ainda é falado  
Quem for vivo ha de dizer  
Houve no seculo atrasado  
Um cangaceiro que trouxe  
O povo todo assombrado.

Rifle nunca mertiu fogo  
Perna que nunca correu,  
Bocca que nunca negou,  
Braço que nunca torceu,  
Entregou-se porque quiz  
Não foi alguém que o prendeu.

Fez mais de duzentas mortes  
Tomou muitos povoados,  
Derrubou muitas cadeias  
E soltou sentenciados.  
Tomava dos muitos ricos,  
Dava aos muitos desgraçados.

Tomou malas de correios,  
Armas de destacamentos,  
Cabalou com eleição  
Fez até alistamentos,  
E obrigou um vigário  
Fazer quatro casamentos.

Perem um dia o destino  
Mandou que elle se entregasse,  
A conta já estava grande  
Ordenou lhe que pagasse.  
Na casa do pouco pão  
Os dias alli terminasse.

Está hoje o leão preso  
Obedecendo ao destino,  
Quem procura ha de encontrar

Quer seja grosseiro ou fino,  
Quem o vê hoje não diz;  
—E' este Antonio Silvino!

Não diz: é aquelle o tigre,  
Assombro dos cangaceiros  
Imperador do Sertão,  
Exemplo dos quadrilheiros,  
Protector dos desgraçados,  
Arraso dos fazendeiros.

Não parece aquelle bravo  
Que entrou dentro do Pilar,  
Soltou os presos que achou  
Sem cousa alguma escutar,  
Telegraphou ao governo  
Fez o juiz assignar.

Não foi aquelle que um dia  
Chegando num povoado  
Viu um cemiterio velho  
Que já estava em mau estado,  
Fez o prefeito em trez horas  
Pol-o prompto e asseado,

Aquelle que em eleições  
Dava titulos a eleitores  
E por onde elle passava  
Os pobres botavam flores,  
Elle fez pobre ser grande  
Fez de grandes servidores.



Fez aqui tudo que quiz,  
Disponha de quatro Estados,  
Alguns cangaceiros delle  
Foram até condecorados,  
Muitos vigarios o serviram  
Na mesa como creados.

Na Parahyba elle fez  
Muita gente se enrascar,  
Desmantellou a politica  
Fez um chefe se mudar,  
Dizendo quem achar mau  
Venha depois se vingar.

Hoje parece um cordeiro  
Sem alma, sem coração,  
Quem hoje visitar elle  
Não diz: eu vi um leão;  
Tem hoje mais differença  
Do que pedra para pão.

Mas elle ás vezes ainda diz:  
—Eu não sou tão pequenino,  
Lá um dia a casa cae  
Isso é coisa do destino,  
Se eu daqui escapulir  
Serei Antonio Silvino.

---

(Ler em seguida «Antonio Silvino  
no jury».)

# LITTERATURA SERTANEJA

Historias á venda na Agencia Geral no Paá

64—Manoel Barata—64

FOLHETOS DE 16 PAGINAS

Allemanha nadando sobre um mar de sangue  
A Chegada do Dr. Lauro Sodré no Pará  
Echos da Patria—O Torpedeamento do vapor Macau  
Historia de Pedro Cem  
O Casamento e Divorcio da Lagartixa  
Debate do Cêgo Aderaldo com o Jaca-molle  
Peleja do Cêgo Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum  
A Vida do Seringueiro  
Peleja de Manoel do Riachão com o Diabo  
O Governo e a Lagarta contra o Fumo  
Peleja de Bernardo Nogueira com o Preto Limão  
A Menina que falou  
A Grande Guerra  
O Naufragio do Uberaba (Ernesto Vêra)  
A Sorte dos Naufragos " " "  
A Festa dos Bichos ou Aventuras d'um porco embriagado  
Peleja de João Peroba com o menino Perieó  
O Naufragio do Uberaba (Firmino Amaral)  
Desafio do Cêgo Aderaldo com Zé-Francalino  
O Escravo do Diabo ou o Afilhado de Santo Antonio  
Casamento do Bode com a Raposa  
Anniversario do Leão  
Prisão de Antonio Silvino e Antonio Silvino no Carcere  
O Leão na jaula  
"Raid" New-York-Rio  
Continuação do "Raid"  
A Fada do Nevoeiro  
O Rei Vermelho  
Glorias de Portugal  
A Rainha que sahio do mar

FOLHETOS DE 24 A 32 PAGINAS

Historia de Zezinho e Mariquinha  
Historia de Juvenal e Leopoldina  
Historia do Valente Villela e o Alferes  
Bianca de Neve e o Soldado Guerreiro  
O Diabo e o Soldado  
Princesa de Pedra-fina

FOLHETOS DE 40 A 48 PAGINAS

Historia de João de Deus e o Diabro Negro  
O Príncipe e a Fada  
A Mulher Roubada  
A Rosa do Adro  
A força do Amor  
A vida de Canção de Fogo  
O Boi Mysterioso

Grande abatimento para um milheiro de uma só obra



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).